

VOANDO COM CHRIS VAN ALLBURG EM SUA VASSOURA ENCANTADA

Maria Catarina Ananias de Araújo
Mestra em Filosofia (Prof-Filo/UFCG)
mariacatarinaan@gmail.com

RESUMO

Esse artigo tem como ponto principal a necessidade de compreender e reinterpretar a representação do símbolo mítico da vassoura da bruxa na literatura infantil. O intuito é analisar a influência deste símbolo de poder, no imaginário coletivo dos contos de fadas e na literatura infanto-juvenil de modo geral e sua relação com o feminino maléfico/benéfico. É fundamental, também, percebermos o papel da bruxa e sua vassoura mágica ao longo do tempo nas histórias infantis seu impacto na construção de símbolos e arquétipos. Nesse contexto, de novas buscas e releituras, o propósito é despertar do senso comum para então, promover um conhecimento crítico e construtivo no tocante a visão do símbolo da vassoura, deixando de lado os preconceitos estabelecidas sobre o mundo das bruxas, desde o período medieval até os dias de hoje. Esta pesquisa é de natureza quanti/qualitativa e de caráter fenomenológica analítica. A abordagem que supõe a existência de uma literatura ligada ao símbolo da vassoura da Bruxa passa por uma contextualização da narrativa em seu momento histórico, levando em conta as teorias de JUNG (1981) no plano dos arquétipos, enquanto os aspectos simbólicos, mitológicos e metafóricos CAMPBELL (2002), CHEVALIER E GHEERBRANT (2002), Os estudos sobre o imaginário MAGALHÃES FILHO (2005).

Palavras-chave: Vassoura, Bruxa, Feminino, Maléfico.

1 INTRODUÇÃO

Os mitos, os contos de fada e o folclore fazem parte da história humana, os povos antigos como os gregos, os celtas e os hebreus que regiam com sua conduta individual e social por essas concepções. Assim, estes conhecimentos que passaram de geração a geração foram aos poucos enraizando-se nem nossa cultura, nos influenciando de forma direta e/ou indireta com a criação de inúmeros arquétipos, mitos, lendas, no imaginário simbólico.

As bruxas com suas vassouras voadoras sempre foram personagens marginalizadas na história da literatura infanto-juvenil e quase sempre apresentadas como mulheres de aparência repugnante e de péssima índole e, assim, eram acusadas das piores atrocidades e responsabilizadas por qualquer coisa considerada ruim que acontecesse no meio em que elas vivessem.

Esta perseguição à bruxa, a coloca como um símbolo de maldição e tudo que a ela pertencesse, também, era amaldiçoado. Sua casa, suas roupas e sua vassoura seu principal objeto, usado para sua locomoção. A vassoura configura a bruxa o poder de voar, de ir além do que os outros seres humanos poderiam ir, pois de acordo com COLBERT (2001) “As vassouras são objetos domésticos, mais comumente associadas as mulheres do que a homens. Este é o motivo provável pelo qual bruxas e (não bruxos) utilizavam vassouras como meio de transporte.”

Tratadas como representantes do mal no mundo desde os primórdios da humanidade o preconceito e o medo das bruxas e suas vassouras voadoras se acentuaram durante a Idade Média, na qual foi deflagrada a caça às bruxas e perdura até os dias atuais, principalmente, na literatura infantil. Colbert (2001) afirma que: “Quando os aldeões suspeitavam da presença de bruxas à solta pelos céus, eles tocavam os sinos da igreja, que supostamente tinha o poder de derrubar as bruxas de suas vassouras”.

Por interferência de valores ideológicos, políticos e religiosos criou-se em torno da mulher/bruxa junto com seus adereços, entre eles a sua vassoura, símbolo, o qual é objeto desta pesquisa, um mito permeado de preconceitos que levaram o imaginário coletivo a reconhecer este tipo de personagem de forma negativa o que nem sempre era verdade. “Por razões desconhecidas, era mais comum avistar bruxas voando na Europa e na América do que na Inglaterra”. Colbert (2001).

Nessa linha de raciocínio, propomo-nos neste estudo, a compreender o símbolo da vassoura presente na história infantil na obra: *A vassoura encantada*, do escritor e ilustrador de livros infantis americano, Chris Van Allsburg, e sua relação com o bem/mal, bem como as questões mitológicas e metafóricas em torno dos personagens que compõem a história. Para tanto, relacionaremos os contos de fadas aos grandes mitos e dos símbolos e arquétipos ao inconsciente coletivo literário.

2 METODOLOGIA

A necessidade de compreender e reinterpretar a representação do símbolo mítico da vassoura da bruxa na literatura infantil para analisarmos a influência deste símbolo de poder que povoa o imaginário coletivo literário infanto-juvenil nos contos de fada e sua relação com o feminino maléfico/benéfico é fundamental para percebermos o papel da bruxa e sua vassoura mágica ao longo do tempo nas histórias infantis. O ponto de

partida desta pesquisa é analisar do texto e seus valores simbólico, mítico e metafórico na literatura infantil.

Nesse contexto, de novas buscas e releituras o propósito é despertar no senso comum para então, promover um conhecimento crítico e construtivo no tocante a visão do símbolo da vassoura, deixando de lado as pré-noções estabelecidas sobre o mundo das bruxas desde o período medieval até os dias de hoje. Esta pesquisa artigo tem com fonte metodológica a exploração e descrição, com vistas a pesquisa bibliográfica, onde o intuito é tornar a temática em discussão mais familiar à comunidade acadêmica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 INTRODUÇÃO A LITERATURA INFANTO-JUVENIL.

Os contos infantis surgiram na França no século XVII, durante o reinado de Luís XIV, mas todos sabem que eles existem há muito mais tempo do que se imagina e embora falem sobre crianças seu conteúdo é destinado aos adultos. É, praticamente, impossível afirmar quando e onde essas narrativas maravilhosas surgiram, porém é inegável o fascínio e a inquietação que elas exercem sobre os indivíduos.

Enfim, estamos vivendo um momento propício à volta do maravilhoso. Daí a redescoberta dos tempos inaugurais /míticos e a atração pelas origens arcaicas que, sob suas múltiplas formas, se expressa na literatura contemporânea. O Realismo Mágico ou Maravilhoso é, desde os anos 50/60 (sem falarmos dos precursores do início do século), uma das correntes mais fecundas da nova literatura. O maravilhoso, o imaginário, onírico, o fantástico [...] deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para ser tratados como *portas que se abrem* para determinadas verdades humanas. (COELHO, 1987, p.09).

Isto significa que, concepção mágica do mundo antes atribuída somente ao universo infantil passa a se tornar significativa, também, para o adulto, porque pode lhe dizer algo que ele desconheça e lhe dar respostas para seus questionamentos e conseqüentemente torná-lo mais reflexivo e consciente sobre sua vida prática e seu papel no mundo.

É nessa perspectiva que tentamos compreender aqui as *narrativas populares maravilhosas*, em suas formas mais importantes: os *contos de fadas* e os *contos maravilhosos*, procurando distinguir as diferenças existentes entre eles, mas que foram esquecidas ou se confundem sob ambos “rótulos”. Claro que, para uma leitura meramente lúdica, a preocupação com “rótulos” ou “classificações” é totalmente desnecessária ou inútil. Mas, para aqueles que (dentro da atual orientação dos estudos literários) estão preocupados em chegar às raízes ou as origens dos fenômenos culturais, essa investigação será muito proveitosa. (COELHO, 1987, p.09).

É neste sentido, que buscamos estudar os contos infantis, não apenas considerando seu caráter lúdico, divertido, mas também procurando apreender o conteúdo cultural e ideológico neles contidos que por muitas vezes passaram despercebidos. A história da Literatura Infanto-Juvenil está repleta de narrativas que além de engraçadas e/ou fantásticas contém um alto potencial simbólico e arquetípico exercendo uma expressiva influência sobre a sociedade desde os tempos mais remotos até os nossos dias.

Por essa razão, é fundamental realizar uma análise profunda dessas narrativas porque independente de suas origens elas têm muito a dizer sobre o passado e sobre o presente, para assim percebermos de forma mais clara realidade na qual estamos inseridos.

3.2 O IMAGINÁRIO E A VASSOURA ENCANTADA, DE CRIS VAN ALLBURG.

A *vassoura encantada* é uma narrativa infantil escrita pelo autor americano, Chris Van Allburg, e nela é retratada a história de uma vassoura pertencente a uma bruxa que caiu próximo à casa de uma solitária viúva “Ao raiar do dia, a viúva encontrou a bruxa em sua horta” Allburg (2008, p.05). Percebendo que a bruxa estava muito machucada Minna Shaw, como se chamava a viúva, levou a bruxa para sua casa para cuidar dela. “A bruxa pediu a Minna Shaw que fechasse as cortinas, enrolou-se em sua capa negra e adormeceu profundamente. Lá ficou completamente imóvel, durante horas e horas. À meia-noite, quando por fim despertou, seus ferimentos haviam desaparecido” Allburg (2008, p.05).

Assim, como seus ferimentos a bruxa, também, desapareceu, Minna Shaw não se surpreendeu, pois conhecia muito bem a história das bruxas. Notou que sua hospede

esquecera sua vassoura já velha a viúva então acreditando tratar-se de uma vassoura sem poderes mágicos a guarda e passa a usá-la para varrer normalmente. Certo dia a senhora se surpreende ao ver a vassoura varrer sozinha, ela era inofensiva e só queria saber de trabalhar.

Logo, aquela vassoura encantada passou a chamar a atenção dos vizinhos por seus poderes mágicos, tornando-se um objeto de curiosidade e de temor por parte dos mesmos, a vassoura respondia a hostilidade que sofria da mesma maneira o que aumentava a raiva de todos. Conforme Allburg (2008, p.16) “Nós vamos nos arrepender de deixar que essa coisa fique no meio de nós.”

Certo dia, tomados pela raiva da vassoura, que era perseguida, implacavelmente, os vizinhos da solitária senhora vão a sua casa para destruir seu objeto de estima Minna Shaw não resiste a invasão e os deixam levá-la, pois acreditavam que ela era um símbolo do mal. “Levaram a vassoura para fora, afundaram à estaca no chão e a cercaram de feno. O senhor Spivey ateou fogo. Num minuto, as chamas transformaram a vassoura em cinzas”. Allburg (2008, p.24).

Depois deste episódio tudo parecia ter voltado ao normal, até a viúva reunir seus vizinhos e afirmar que tinha visto o fantasma da vassoura, estes a princípio, não acreditaram em suas palavras dias depois viram que fantasma da vassoura, realmente, existia e com um machado batia a porta deles e cortava lenha na floresta com medo se evadiram do local. Minna Shaw, não quis partir com eles, ficou onde sempre esteve e a vassoura que não era nenhum fantasma ficou com ela e lá permaneceram vivendo tranquilamente.

Em alguns contos infantis é comum as bruxas serem demonizadas e junto com elas seus objetos de valor principalmente, a vassoura que é, para ela, um símbolo de poder por possuir poderes sobrenaturais. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 932) “Humilde utensílio doméstico na aparência, nem por isso a vassoura é menos signo e símbolo de poder sagrado”. Dessa forma, a vassoura mágica pertencente à bruxa ficou conhecida no imaginário coletivo como um objeto maldito.

Esse pensamento que até hoje persiste na literatura infanto-juvenil é fruto dos tempos medievais quando a Igreja Católica promoveu a caça às bruxas daí em diante essas mulheres tornaram-se alvo de medo e de ódio por parte do senso comum, as bruxas se creditavam tudo que era negativo ou maléfico naquele momento tal

associação da mulher bruxa com o mal se cristalizou no imaginário coletivo tornando-se uma verdade indiscutível dentro do contexto sociocultural. Conforme Kronzek (2003):

No início do século XVII, as pessoas de uma pequena cidade na Alemanha tinham tanto medo de bruxas montadas em vassouras voadoras que, por algum tempo, o conselho da cidade determinou que todas as igrejas batessem seus sinos sem parar, do anoitecer ao raiar do dia. (KRONZEK, 2003, p.296).

A vassoura então se consolida como um símbolo maléfico de poder que se propagara no imaginário, pois dá à bruxa tem a capacidade que nenhum outro ser humano tem que é de voar, está acima dos demais. Através do imaginário coletivo, o mito da bruxa com sua vassoura mágica se perpetuam rodeado de preconceitos e informações imprecisas sobre quem seriam de fato estes seres. “O imaginário cria novas realidades, e não há melhor exemplo disso que os imaginários sociais e políticos”. Assim, afirma Magalhães Filho (2005).

Nesta linha de pensamento, percebemos que historicamente a mulher/bruxa e sua vassoura são reconhecidas no imaginário da cultura popular como seres ligados ao mal, essa ideia arraigada na nossa cultura nos levou a cometer vários equívocos em relação a estes personagens, equívocos que com um estudo mais aprofundado a respeito dessa temática podem ser esclarecidos.

4. O MITO E O SÍMBOLO

O mito foi à primeira forma de conhecimento estabelecida entre os seres humanos só depois dele veio a filosofia e a ciência e, assim, a mitologia perdurou em todas as culturas e sociedades ultrapassando os limites do tempo. Estando, dessa forma, presente em nossas vidas ainda que não tenhamos a exata consciência disso.

Ele está presente, também, na sociedade moderna por representar ao longo do tempo a busca constante do ser humano pela afirmação de sua consciência individual identificando o sujeito com o mundo com ao qual ele está inserido. Conforme Campbell (2002):

O mito é um relato fundante da cultura: ele vai estabelecer as relações entre as diversas partes do universo, entre os homens e o universo, entre os homens em si. Por sua construção próxima da composição musical que comporta

refrões, repetições o mito uma dimensão pedagógica. É ainda função do mito individual e coletiva da identidade. (CAMPBELL, 2002, p. 18-19).

Ao compreender o mito o homem compreende como se estabelecem suas relações com a natureza, com o outro e consigo o que Jung chama de *Self, ou seja, (O si mesmo)* uma vez que o conhecimento mitológico traz consigo um conjunto de símbolos que norteia o indivíduo nessa incessante busca Jung afirma que: “O self não só é o centro, mas também a circunferência inteira que abraça” a consciência e o inconsciente; é o centro desta totalidade, da mesma maneira que o ego é o centro da consciência”. (JUNG, 1997, p.142).

Na luz do pensamento jungiano estudar a mitologia é fundamental para se conhecer a alma humana, penetrando no mais íntimo espaço da psique, onde todo homem guarda seus medos, dúvidas e expectativas em relação a sua condição e ao mundo no qual vive, essa atividade de busca interior dispensa de certa forma a racionalidade justamente, não possuir um fundamento racional.

Os mitos são para, Jung (2002), uma narrativa tradicional dotada de simbologia que tem como papel explicar os acontecimentos da vida de acordo com uma determinada cultura ou religião. Dessa forma, a mitologia é uma forma de consciência humana na qual a identidade de um povo se revela formando o inconsciente coletivo. O mito é, portanto, uma manifestação do arquétipo na mente de um indivíduo, no seu interior ele adquire forma e se exterioriza na cultura gerando ideias positivas ou negativas a respeito de um ser.

Seguindo esta linha argumentativa é possível afirmar que o arquétipo da bruxa em sua vassoura voadora resulta de um mito criado pelos antigos e consolidado durante a Idade Média como uma forma de aterrorizar e controlar as pessoas que estavam subjugadas aos interesses dogmáticos da Igreja. A vassoura da bruxa a conduzia para onde ela quisesse e assim ela poderia ficar à vontade para exercer sua maldade sobre os seres humanos em qualquer lugar e em qualquer hora.

Dessa forma a bruxa era vista de forma extremamente negativa seu objeto fundamental a vassoura também era vista como algo amaldiçoado, o qual todos deveriam manter distância. Conforme ALLBURG (2008): “Esta vassoura é danada - disse. - isto é coisa do demônio”. O medo da bruxa era então transferido para sua vassoura que assim como sua dona representava um símbolo do mal.

Essa concepção, a respeito da mulher bruxa, de sua vassoura e tudo mais que a cerca disseminou-se ao longo da história povoando o imaginário coletivo e a literatura infantil em todas as sociedades, promovendo uma visão deturpada baseada no medo e no preconceito sobre ela. Esta visão a coloca junto com sua vassoura mágica como símbolos do mal no mundo. De acordo com Delumeau (1989):

Porque mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos, a mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, do poder de não só profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas. (DELUMEAU, 1989, p.311).

Essa concepção serviu de base para a criação da imagem da mulher como a bruxa má, aquela que com sua aparência monstruosa e ligada ao diabólico busca destruir uma suposta paz e harmonia no ambiente onde chega, se instaurou no imaginário popular contribuindo decisivamente para a marginalização e interiorização do feminino. Conforme defende Eugène Enriquez (1999, p.182):

Desde Engels e Freud, todos os autores estão de acordo (qualquer que seja a sociedade abordada) quanto ao estatuto inferior e dominado da mulher e quanto às características de desordem e vinculação com a natureza (considerada aqui como antagônica e antinômica da cultura), que revestem o feminino.

No decorrer dos séculos e sob as mais diversas e arbitrarias justificativas, as mulheres ficaram relegadas mulher ao espaço privado, longe dos espaços de poder, seu destino limitava-se a obediência ao homem e aos trabalhos domésticos. A mulher que fugisse a essa regra estaria sujeita a violência simbólica e física, a repressão social e a condição de maldita, como no caso das bruxas.

O mito da mulher como bruxa e dos objetos que a ela estivessem ligados, se perpetuou no imaginário coletivo, promovendo a intolerância e a marginalização da mulher de forma permanente, contribuindo para a perpetuação da lógica patriarcal de dominação e submissão do feminino, lógica esta que, só vem sendo contestada recentemente pelas novas formas de organização social que vem se estabelecendo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O narrativa de Cris Van Allburg deixa claro que embora escritos para crianças e geralmente repassados de maneira leve e lúdica, os contos infantis tem muito a revelar sobre o mundo e a natureza dos adultos, relatando temas onde a intolerância e a violência simbólica e física, como o caso da bruxa e sua vassoura.

O papel da mulher na sociedade, o caráter de submissão ao qual ela sempre foi submetida a condição de maldita quando ela ousa transgredir as regras que lhes foram impostas estão amplamente relatadas nessas histórias fantásticas. Abordar essas questões é de fundamental importância para compreendermos a violência e a perseguição que o feminino sofreu ao longo de milênios.

A negação e marginalização da mulher é exteriorizada com maior força quando se trata do arquétipo da bruxa. Nele, são elevados ao extremo a ideia de um feminino maldito. Trata-se de um arquétipo caracterizado pela ambiguidade da mulher, retratado ora como boa, inofensiva, ora como misterioso, nefasto e repugnante.

Os arquétipos são estruturas que estabelecem uma conexão entre o imaginário e os processos da racionalidade humana, em outras palavras, são imagens primordiais guardadas no inconsciente coletivo que consideramos criadoras de determinados tipos de pensamento que permeia a imaginação humana e conseqüentemente transborda para a vida prática. A narrativa que foi estudada reflete a imagem e simbologia que remetem, sistematicamente, ao arquétipo da bruxa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No imaginário coletivo se constituíram variadas crenças sobre a aparência, costumes e práticas rituais das mulheres consideradas bruxas. A representação mais consagrada desse arquétipo foi construída na Idade Média onde essas mulheres eram apresentadas como senhoras velhas, debilitadas fisicamente e horrendas, com verrugas na pele, mal vestidas e seus objetos como a casa, o gato, o chapéu, a vassoura sempre aparecem com aspecto sombrio, que aparecem voando sobre vassouras em noites de lua cheia, prontas para assombrar e prejudicar as pessoas ou ainda, a fabricar poções maléficas em enormes caldeirões.

Numa clara acepção ao que existe de mais diabólico no mundo esses valores, sobre as bruxas foram incorporados ao imaginário coletivo ao longo do tempo. Nos esforçamos no sentido de compreender como essa associação aparece nas narrativas infantis e como o arquétipo da bruxa permanece vivo nos dias atuais reproduzido preconceitos e deturpações.

No decorrer dessa pesquisa, buscamos investigar como se dá a materialização das personagens mulheres como agentes introdutoras do mal no mundo nas narrativas infantis, demonstrando a representação literária do arquétipo da bruxa.

Assim sendo, nossa pesquisa consistiu em uma tentativa de discutir e esclarecer a relação entre a mulher bruxa e seu objeto principal as vassouras com o mal literário fantástico. Buscamos realizar, também, uma pesquisa com uma visão crítica sobre a condição da mulher considerada bruxa e a imagem deturpada que se construiu dela ao longo do tempo e acreditamos que o conto de Chris Van Allburg retrata a ideia arquetípica da bruxa que procuramos compreender nesse estudo.

REFERÊNCIAS

ALLBURG, Chris Van. **A vassoura Encantada**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Editora Palas Athena: São Paulo. 2002

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática.1987.

COLBERT, David. **O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lendas e histórias fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DELUMEAU, Jean – **História do medo no Ocidente: 1300 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ENRIQUEZ, E. **Da ordem dos sexos à ordem cosmológica**. In: Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social. Trad. Teresa Carreiro; Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p.182-207.

FOULCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KRONZEK, Allan Zolla. **O manual do bruxo - um dicionário do mundo mágico de Harry Potter**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003

LEAL, José Carlos. **A Maldição da Mulher: de Eva aos dias de hoje: um estudo sobre a origem e evolução do machismo**. São Paulo. DPL, 2003.

MAGALHARES FILHO, Glauco Barreira. **O imaginário e as crônicas de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.